



Escolas Diretores surpreendidos com cortes nas horas atribuídas para contratação

Vigilância posta em causa com menos tarefeiros



FABIO POPO / GLOBAL PICTURE

Segurança dos alunos e limpeza dos espaços escolares afetadas com a redução do número de funcionários

Alexandra Inácio

alexandra.inacio@jn.pt

► Os diretores foram surpreendidos com cortes radicais no número de horas atribuído às escolas para contratarem tarefeiros. Em risco, garantem, pode estar a segurança dos alunos e a limpeza dos espaços.

As reduções foram comunicadas às escolas através de email sem

qualquer justificação da Direção-Geral de Estabelecimentos Escolares (Dggeste). O Ministério da Educação garante que os "contratos agora atribuídos foram para colmatar situações de doença prolongada, encontrando-se ainda em análise a dotação dos agrupamentos, pelo que oportunamente serão equacionados mais recursos, caso se justifiquem".

Ministério garante que horas agora atribuídas são para substituir baixas

O diretor do Agrupamento de Escolas dos Carvalhos (Gaia), Domingos Oliveira, fazia ontem contas: em relação ao ano passado, perde 34 horas (em vez de 48 terá 14 no próximo ano). Ou seja, em vez de 12 tarefeiros a escola poderá contratar três ou quatro.

Os tarefeiros são contratados apenas para o tempo letivo. No próximo ano, os contratos terminarão a 23 de junho (fim das aulas no 1.º ciclo). Pagos a 3,49 euros à hora para serviços de limpeza, os diretores preferem fazer contratos de quatro horas diárias para que possam receber subsídio de alimentação. A maioria acaba por assegurar outras atividades, como vigiar alunos. O rácio de um assistente por 48 alunos e a aplicação das 35 horas agravam a falta de funcionários.

"Com menos horas e menos pessoas, não vamos ter capacidade para dar resposta e algum serviço será prejudicado, como a higiene e a segurança dos alunos", admite Domingos Oliveira. O agrupamento dos Carvalhos tem cerca de 1400 alunos, distribuídos por oito escolas: seis do 1.º ciclo, uma básica de 2.º e 3.º ciclo se uma secundária com 3.º ciclo, que funciona das 8 às 23 horas, por ter ensino noturno.

O presidente da associação de diretores (Andaep) garante que o corte é transversal em todo o país. "Pelo que percebemos, um agrupamento com uma EB 2/3 terá sete horas, com uma secundária terá 14 horas e um mega-agrupamento, com uma secundária e duas básicas, 21 horas. Há casos de escolas que passam de 80 para sete horas", assegura Filinto Lima. A Andaep enviou ontem uma carta ao Ministério da Educação em que recorda à tutela que as aposentações e baixas não são substituídas há anos.

Cristina Ferreira, da Federação Nacional de Educação (FNE), reivindica do Governo "uma solução", através de contrato por tempo indeterminado, que resolva a carência crónica de assistentes operacionais e acabe com a sua precária contratação. ●